

Não-objeto e Poesia

WILSON JOSE' DA SILVA SOUSA

NÃO fosse o meu interesse por uma renovação legítima da poesia, suspeitaria mesmo de que «as obras de arte passaram a servir de mero pretexto a elocubrações mentais, desligadas praticamente do objeto estético» (1).

A expressão concretista foi incapaz de criar a forma que lhe seria própria.

Repedindo a teoria concreta, que equacionava o problema no sentido de uma evolução do orgânico-fisiognômico para o geométrico-isomórfico, o neoconcretismo concebeu a obra de arte como um QUASI-CORPUS.

Daí o não-objetismo.

Mas, o NÃO-OBJETO não é anti-objeto; ele quase se faz pelo jôgo e pelo imediatismo da percepção.

E qualquer corte, uma vez estabelecido o meio de expressão poemática, mostra a relatividade e o limite da palavra.

O poema neoconcreto, se a retirarmos, desintegra-se.

Perderá, destarte, o seu caráter de composição verbal?

Não se quer, neste caso, um predomínio inconciliável de formas expressivas diversas? Talvez não.

Os elementos formais e pictóricos delineam a fronteira entre poesia verbal, pintura e escultura. Nada mais.

No entanto, a fusão adequada destes elementos com a palavra, sem dúvida, oferece uma possibilidade, antes insuspeita, de criar uma NOVA POESIA.

Naturalmente que, por meio de uma combinação de objetos palavras, não se pode engendrar apenas um «objeto híbrido».

Esta obra, situada num ambiente que lhe é hostil, deixa de adquirir pleno sentido.

Há também um motivo de ordem intelectual impedindo a captação dos sentimentos pictóricos e plásticos mesclados com outros.

O concretismo levou ao extremo a ascendência da visão sobre a audição.

Tentou-se transmutar a expressão gráfica, a fim de estabelecer, num único signo,

imediatamente, fotográfico, tudo que antes formava uma linguagem inteira.

O neoconcretismo volta a este problema de uma LINGUAGEM VISUAL AUTÔNOMA, não-representativa, passível de permitir uma apreensão fenomenológica, uma multivocidade perceptiva.

Como dar, então, uma carga máxima de poesia à palavra isolada?

A palavra desvitalizou-se; faliu.

Tem de ser retomada; e, contudo, não se conseguirá mais relacioná-la perfeitamente.

Embora «as coisas inacessíveis à linguagem possam ter suas formas específicas de concepção, seus próprios recursos simbólicos» (2), não podemos transformar a POESIA VERBAL num produto híbrido, intermediário da pintura e da escultura.

Nem se trata de negar à poesia a utilização de elementos extra-linguísticos.

Nos poemas de E. Cummings os recursos visuais assumem uma preponderância capaz de eliminar o conceito nêles explícito ou implícito.

Nos poemas neoconcretos, porém, ficamos sem saber se o fundo conceitual é de outra ordem.

Às vezes o signo pictórico dilui-se numa linguagem semântica ainda, numa metáfora plástica.

Evidentemente, a palavra neoconcreta nos orienta; pertence, entretanto, apenas à introdução da obra.

E' utilizada para desencadear, não mais pela collage verbal, mas por recurso que chamarei de «cinematográfico» (*), o NÃO-OBJETO, uma «pura aparência».

Daí a inserção da palavra nas formas geométricas e pictóricas, relacionáveis entre si através de uma série de páginas ou do objeto, cujo manuseio é indispensável para deflagrar o QUASI-CORPUS.

Tôda a manipulação se destina a mudar a estrutura em que a palavra está ou atua; ou, seletivamente, variar os elementos para passar da tessitura inorgânica à orgânica.

É exatamente neste ponto que o poema neoconcreto se complica.

«Sem os recursos visuais ou mecânicos os não-objetos ficariam reduzidos a simples «palavras em estado de dicionário» (3).

Pois temos, primeiramente, uma comunicação alusiva sem palavras; em seguida, uma comunicação só estabelecida pela palavra na estrutura.

As denotações do NÃO-OBJETO esgotam-se nêle mesmo.

«Apenas e exclusivamente, no momento da criação, será possível considerá-lo além de sua participação num complexo existencial, relativo e, como quer o próprio autor, enquanto fenômeno mesmo» (4).

As referências ad verbum, no poema neoconcreto, permanecem obscuras.

Intriga-nos, assim, o pressuposto de que todo o conceito se anula ao nascer o NÃO-OBJETO, mediante uma significação global, dada pelo LUGAR «onde a palavra isolada irradia tôda a sua carga» (Ferreira Gullar).

Resta ao neoconcretismo, finalmente, explicitar e desenvolver o problema da expressão-estrutura, relacionando convenientemente a poesia verbal com as outras artes.

Ainda é cedo para avaliarmos este estágio.

(1) — Mário Barata, «Reflexões em torno dos neoconcretos», SL do «Diário de Notícias», 18/12/1960.

(2) — Sussane K. Langer, in «Philosophy in a new key».

(3) — Robert Pontual, in «O Não-objeto verbal como síntese» — Sup. Literário do «Jornal do Brasil», 17/12/1960.

(4) — Carlos Diegues, in «Exposição Neoconcreta e Não-objeto» — «O Metropolitano», 4/12/1960.

(*) — Como a técnica dos cortes, que impede a abstração, no «Livro Infinito» de Reinaldo Jardim.